

**S**e a obra é "viva" e orgânica, ela capta os acontecimentos em torno, integra aquilo que a envolve e, no seu silêncio, participa do debate que ela mesma tem o dom de abrir (e toda obra de arte é *doação*). Coincidência ou não, a mostra de Sérgio Camargo, que hoje se encerra no Museu de Arte Moderna do Rio, após estar aberta por um período recorde de dois meses, acabou por envolver o espaço circundante, inclusive a exposição ao lado, denominada "Cor como Linguagem". Pois, se mais que matéria (mármore ou madeira) o branco é que fundamenta a obra de Camargo, o sentido está na sombra, isto é, na cor. Na infinita variedade do branco, é a sombra que corporifica o instante, espécie de mácula, de névoa, de nódoa. Nos dias muito claros, de sol, não há cor. É a sombra que revela, ou cria, a cor.

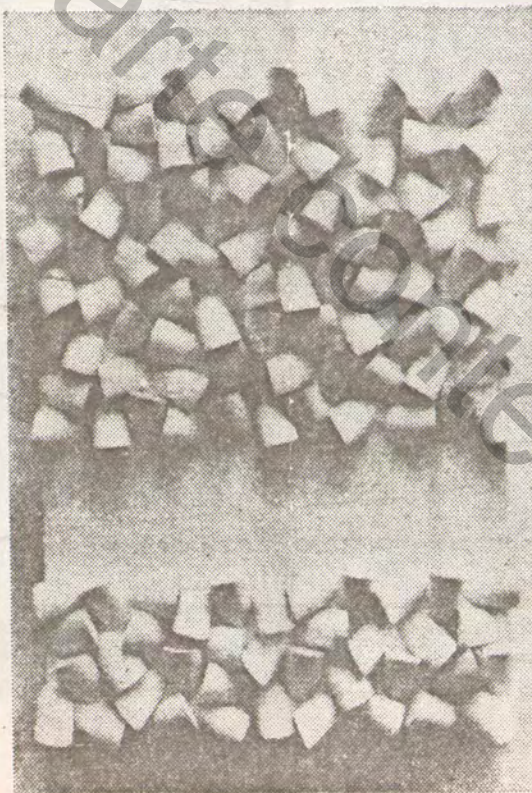
Sérgio Camargo cria relevos e esculturas para atrair a luz — o branco como armadilha. A luz é sua matéria-prima, costuma dizer. Mas depois de percorrer a obra deserto branco, a luz quer descansar. Melhor, deseja a sombra sem perder de vista o sol. *Solombra*. E o artista sabe como no branco miragem de suas obras cria oásis de som-

bra. E é neste momento, na sombra, que a obra vibra. Em silêncio. Como no diafragma, a "forma" se fecha, criando um núcleo, ou núcleos — que são áreas de sombra. Para depois novamente abrir, como no diafragma, e se deixar banhar de luz. No abrir e fechar da "forma" surgem cantos, ninhos, quase esconderijos para a luz — é sombra.

Notar que o movimento sugerido nas palavras acima é silencioso, como que parado. É mais tempo que espaço. Espaço-tempo. Eis aqui uma diferença entre o cinetismo europeu/norte-americano e a obra de Camargo (e a de outros escultores brasileiros como Amílcar de Castro e Weissmann). Aquele é mecânico, repetitivo. Por isso mesmo monótono. Pendular, o cinetismo europeu como que hipnotiza o espectador, paralisando-o. Camargo, pelo contrário, com sua obra envolve o movimento do espectador, que se desloca em torno dela — já que ela não tem costas ou avesso. Movimento menos físico que imaginativo. Devaneio.

A sombra funciona como corte. Intercepção da luz. Eis aqui um outro elemento com que trabalha Sérgio Camargo — com o corte. Preciso, rápido, rigoroso

## A sombra, o corte.



Relevo de Sérgio Camargo

mas nunca áspero ou agressivo. As formas puras não existem na obra de Camargo — o quadrado pleno, o círculo pleno, como também não existem em sua plenitude verticais e horizontais. Nem gótico nem renascentista. Tampouco barroco. Dentro da ordem, busca a desordem. Dentro da desordem, a ordem. O corte cai sempre em oblíqua. Como a sombra. Contra a plenitude da luz, a sombra. Contra a plenitude da forma, o corte. E assim ele se torna humano e comunicativo — contra o ideal platônico de uma beleza pura, inacessível e intocável. De quando em vez, seus pequenos módulos de madeira pintada de branco explodem em rachaduras, o mármore é liso mas nunca polido — para que o brilho da superfície não venha ofuscar o espectador. Uma sensualidade discreta percorre toda obra de Camargo, especialmente a fase mais recente. Sensualidade de tardes ensolaradas vistas da varanda. Aliás, o trópico me parece mais sombra que sol. Umidade. As últimas obras de Camargo atraem além da vista a mão, e esta passagem do visual ao tátil é também a passagem da luz para a sombra. Sensualidade úmida.

Susanne Langer lembra que primariamente as cores não eram identificadas como sendo azul,

amarela ou vermelha, mas como quentes, frias, claras ou amareladas, assim como algumas palavras que denominam cores nas suas raízes costumam significar o oposto. Assim, o preto etimologicamente contém o branco: *black, bhleg, blank, blanco, bianco*, branco, ou o que é mais impressionante, "a conotação de um adjetivo pode modificar totalmente de um campo sensorial a outro", como o caso da palavra alemã "hell", hoje aplicada literalmente a luz e cor, originalmente, no entanto, referia-se ao som. Do piso preto do salão de exposições do Museu de Arte Moderna do Rio aos relevos e esculturas brancas de Sérgio Camargo todo um caminho a ser percorrido — pelas cores, pelas sombras. Nas esculturas a oposição preto/branco parece mais radical, o que não acontece em relação aos relevos, nos quais o "movimento" dos módulos de madeira criam uma sugestão de cinza — como de resto é o cinza que fica mais evidenciado nas reproduções em catálogo. Muito adequadamente, aliás, os relevos foram colocados diretamente sobre o concreto aparente, o qual, no MAM, entre a luz que vem de fora e o negro do piso, funciona como sombra. Enfim, se a luz é som, a sombra é silêncio. O que não o impede de vibrar, como foi dito.